



A FUNDAÇÃO DA LIGA SPORTIVA PARANAENSE: RELAÇÕES DE PODER ENTRE A JUVENTUDE ELITISTA

Natasha Santos

Acadêmica de Graduação em Educação Física -Universidade Positivo
CEPELS-UFPR / CEMEDEF-UFPR

André Mendes Capraro

Doutor em História-UFPR
Docente da UFPR e Universidade Positivo
CEPELS-UFPR / CEMEDEF-UFPR

José Carlos Mosko

Mestre em Ciências Sociais Aplicadas-UEPG
Professor substituto-UEPG

Jackson Fernando Mosko

Acadêmico de Graduação em Educação Física -Universidade Positivo
CEPELS-UFPR / CEMEDEF-UFPR

Riqueldi Straub Lise

Acadêmico de Graduação em Educação Física -Universidade Positivo
CEPELS-UFPR / CEMEDEF-UFPR

Vinícius Marques de Souza

Graduado em Educação Física -Universidade Positivo
CEPELS-UFPR / CEMEDEF-UFPR

RESUMO

Este artigo investiga as relações de poder estabelecidas a partir da criação da Liga Sportiva Paranaense, primeira instituição responsável por regulamentar o futebol no estado do Paraná.

ABSTRACT

This article investigates the power relations established with the creation of the Sportiva Paranaense League, which was the first institution responsible for regulating the soccer in Paraná.

I

Curitiba. Nos anos entre 1912 e 1914, surgiram vários clubes de futebol com as mais diferentes origens. Nos meados de 1914, dando indícios de simpatizar com a expansão do esporte, o *Diário da Tarde* noticiava: “Nos domínios sportivos do Estado as

cousas vão felizmente bem melhores do que nos econômicos e políticos” (Diário da Tarde, 25/07/1914, p. 1).

Mas, apesar da fundação de vários clubes de futebol, a hegemonia ainda permanecia centrada nos três clubes mais tradicionais: Internacional *Football Club*, Paraná *Sport Club* e Coritiba *Football Club*. Por exemplo, era afirmado, em 1924, que “Quando não existia a Liga realizavam-se partidas amistosas entre os 3 clubs Internacional, Paraná e Coritiba, aquele [Internacional] sempre era vencedor” (Gazeta do Povo, 02/04/1924, p. 4). O problema, para os interessados em que o futebol no estado permanecesse no círculo fechado das elites, era que as partidas tinham de ter sempre um caráter amistoso ou, no máximo, a disputa de uma taça oferecida por algum estabelecimento comercial. Mesmo os poucos campeonatos organizados consistiam apenas em “triangulares”, envolvendo as equipes citadas. Assim, o *Diário da Tarde* noticiava: “No dia 28 do corrente, domingo, realizar-se-á nesta capital um encontro entre duas valorosas sociedades esportivas Internacional Foot Ball Club e Coritiba Foot Ball Club. Nesse match caso vença o Internacional, ficará esse valente club com o campeonato de 1913, o que, aliás, elle conquistou até aqui, neste anno” (Diário da Tarde, 24/09/1913, p. 2).

A necessidade da criação de uma instituição que regulamentasse os campeonatos e atendesse aos interesses dos clubes fidalgos tinha um caráter de urgência. A prática não podia ficar restrita a apenas três clubes, mas também não podia dar brecha suficiente para que clubes das mais diferentes classes manchassem a característica nobre do futebol.

Possivelmente, pelo contato com outros centros, um colunista do *Diário da Tarde* em 1912 – mais de dois anos antes da criação da Liga em 1915 – já sabia da emergência em se criar a entidade. Escrevia ele na época:

A propósito julgamos opportuno levantar a questão da formação da liga que, agora, prestaria relevantes serviços, tornando até mais viável a realização do sensacional match.

Os srs. sportmen que encarem o problema apenas sobre o ponto de vista social e que tratem de se congregarem afim de dar maior incremento ao sportismo em nosso Estado.

Existem várias sociedades desagregadas e que mais fortes e estáveis se tornariam amparadas pela outra. (Diário da Tarde, 11/10/1912, p. 3).

A matéria foi bastante elucidativa sobre a necessidade da fundação de uma instituição-mor que defendesse o interesse dos seus. Entretanto, o mais relevante é o relato da existência de uma precoce divergência entre os clubes paranaenses que, como será visto a seguir, se tornaria uma tensão maior nos anos seguintes.

Portanto, quando se acentuaram os jogos entre equipes rivais – nos anos de 1912 e 1913 – a falta de uma entidade regulamentadora favoreceu a prática confusa e desregulada do futebol. Não havia um tempo de jogo preciso, as equipes decidiam momentos antes qual seria a duração da partida. Muitas vezes até o número de jogadores não era o oficial. Os árbitros eram designados na hora da partida, escolhidos entre os dirigentes, ou mesmo, os jogadores das equipes disputantes. Dessa forma, era óbvio que falhas quanto à arbitragem ocorriam constantemente, às vezes por ignorância do apitador, outras por pura parcialidade.

O match estava animadíssimo mais perdeu muito em interesse por causa da parcialidade do referee a favor do Internacional (...). O pedido do capitain do Paraná de poder por um reserva, como é conforme e uso em matchs amigáveis foi negado pelo capitain do Internacional, tendo isto uma enorme influência sobre o jogo. Continuando assim mesmo a victoria foi inclinanda ora por Paraná ora por Internacional somente interrompido pelo referee que todavia mostrou uma absoluta falta de conhecimento das regras e uma parcialidade pouco comum. (Diário da Tarde, 13/10/1913, p. 2).

Tal acusação foi prontamente respondida via uma carta à redação, enviada por alguém que usava o pseudônimo de “paulista”. Este afirmava ser imparcial e dava explicações que justificavam a atitude do juiz e do capitão do Internacional (Diário da Tarde, 14/10/1913, p. 2).

Cabem aqui, alguns esclarecimentos metodológicos. Fatos como esses relacionados à arbitragem tornavam o futebol da época mais próximo do que Elias e Dunning classificaram como “jogo” (Elias e Dunning, 1997). Pois, quando os clubes começaram a se confrontar era necessário regras bem definidas para manter o equilíbrio de forças. Surgiram, então, as associações, entidades responsáveis pela formulação das regras que seriam pacíficas a todos os clubes. O acordo sobre as regras é um nível superior de integração e, se essas regras não forem satisfatórias, deve haver um acordo para alterá-las, agradando a todos que compõem a configuração e, conseqüentemente, exercem poder sobre ela. Isso foi uma condição de primeira ordem para que o jogo ou passatempo se tornasse um esporte. O acordo sobre os hábitos sociais relacionados com os jogos necessitava, geralmente, de uma instituição de fiscalização responsável pelo cumprimento das regras, surgem assim, os árbitros e fiscais.

Essa relação é fundamental para o entendimento da propagação relativamente rápida do futebol pelo mundo, pois com as regras bem definidas e controladas, não havia muito risco de divergências entre os praticantes. Elias e Dunning afirmam que... “Por esse motivo, alguns esportes desenvolvidos primeiramente como jogos, na Inglaterra, puderam ser transferidos e adotados em outras sociedades como se fossem delas próprias” (Elias e Dunning, 1997, p. 54).

Outros pesquisadores, com opções teóricas diferentes, como o historiador inglês Eric Hobsbawn, também consideram que a criação de uma associação de controle foi um fator fundamental para a consolidação do *football*, enquanto esporte (Hobsbawn, 1990; Ranger e Hobsbawn, 1994, pp. 295-301).

Mesmo em se tratando de análises de outros locais, a necessidade da instituição-mediadora se tornava chave para consolidação da prática futebolística paranaense, basicamente por dois motivos: 1) o genérico: a transformação do “jogo de bola” no esporte futebol – como o parecer dado por Elias e Dunning ou Hobsbawn; 2) o específico: a exclusão – tão comum na prática realizada nos grandes centros brasileiros – uma medida protetora para evitar a indesejável presença de pessoas que não atendessem ao perfil fidalgo que o esporte tinha. Reduz-se novamente a escala de observação, retornando, então, para a micro-análise das fontes.

II

Cientes das dificuldades para realização de campeonatos de porte maior e, possivelmente, influenciados pelas idéias dos futebolistas cariocas – que criaram sua liga, batizada de Liga Metropolitana de *Football*, em 1905, realizando o primeiro campeonato carioca, em 1906 (Pereira, 2000, pp. 63-73) – e paulistas – que fundaram sua primeira instituição, a Liga Paulista, no ano de 1901 e, posteriormente, em 1913, a Associação Paulista de Esportes Atléticos – APEA (Caldas, 1990, pp. 37-40; Negreiros, 1992, pp. 48-52) –, os jovens dos clubes curitibanos resolveram montar sua própria instituição diretiva. Assim, finalmente era noticiado:

Liga Paranaense de foot-ball

Conforme convite do “Internacional foot ball club”, reuniram-se, hontem, ás 8 horas da noite, numa das salas do edifício da Associação dos Empregados no Commercio, as representantes dos diversos clubes de “foot ball” desta capital e de Paranaguá.

A sessão foi presidida pelo sr. João Seiler e secretariada pelo sr. dr. Mario Carneiro.

Os clubes foram assim representados:

Internacional – srs. João Laborgue, Jorge Leitner e Edgar Torres; Paraná – dr. Mario Carneiro e Lincoln Neves; Coritiba – João Seiler, F. Essenfelder e Fraub; “América” F. Neugast e Romeu Santos; Brasil de Paranaguá – J. A. Guimarães; Sul América – Alberto Manfredini, Clovis Guelbeck Lycio Laynes; Ivahy – Paschoal Bleggi, e Paranaguá – Arcésio Guimarães. Os clubs de Ponta Grossa deixaram de se representar.

O sr. João Seiler, usando da palavra, produziu um bello improviso, fazendo votos para que a reunião de hontem, seja o primeiro passo para a tão almejada fundação da liga, que fará desaparecer as desavenças e discordias registradas ultimamente, visando o seu fim, não só, organizar campeonatos, mas também encontrar a harmonia entre os clubs colligados, que estarão sob a sua imediata fiscalização, procurando por todos os meios, a sua propria prosperidade e a do jogo de “foot ball”.

Ficou deliberado que a sessão de hontem fosse preparativa, e que em assembléa geral ficará definitivamente fundada a liga, á referida assembléa, serão apresentados os estatutos e o demais que se julgar necessário á boa interpretação e fins da liga. (Diário da Tarde, 22/11/1913, p. 3).

A fonte comprova o que os teóricos que pesquisam a história dos esportes já haviam afirmado: para a consolidação de um esporte, é necessária a criação de uma instituição específica para regulamentá-lo e intermediar os conflitos entre os agentes envolvidos. Sabendo disso, os prováveis líderes das equipes curitibanas e parnanguaras reuniram-se com a missão de fundar a Liga e, conseqüentemente, regimentá-la.

É certo também que tal fundação mantinha o futebol sob o domínio das elites, já que vários sobrenomes pertenciam à classe dominante paranaense: Leitner, Torres, Carneiro, Seiler, Essenfelder, Guimarães, Bleggi e Santos (Oliveira, 2001).

Neste sentido, a extensa nota fornece um forte indício sobre a consolidação da prática do futebol no estado, além de elementos para compreensão da relação de força que existia entre seus componentes.

Desta forma, pode-se delinear com certa precisão os clubes que tinham maior influência e talvez até liderassem a prática do futebol no estado. O Internacional devia ser o principal deles, já que o mesmo foi o responsável pela reunião e também porque era sem dúvida o que recebia maior atenção dos jornais curitibanos naquela época (Capraro, 1998).

Também se destacavam o Coritiba que designou o presidente da reunião, João Seiler, e o Paraná, que tinha denominado o secretário da reunião – dr. Mario Carneiro. Assim, é provável que os mais tradicionais clubes curitibanos, mantivessem o controle do futebol. Quanto à criação do estatuto que iria designar as novas leis – ou seja, de interesse de todos os clubes –, as equipes com representantes eram, novamente, o Internacional, o Coritiba e o Paraná, acrescidos de um representante do Ivahy. Secundariamente, também foram convidados para esta reunião representantes das seguintes equipes: América, Brasil de Paranaguá (embora este possa ter um forte laço de ligação com o Internacional, como será visto a seguir), e Sul América. Os clubes de Ponta Grossa também foram convidados, mas não se esclarece na notícia quais clubes seriam esses.

Ressalta-se que este convite foi restrito, pensando que já existiam algumas dezenas de clubes espalhados por Curitiba e arrabaldes. Alguns menos expressivos, fundados por familiares, outros de maior porte, podendo abranger uma colônia étnica. Contudo, o convite para compor a Liga restringiu-se somente a estas poucas equipes, não havendo, pelo menos na documentação existente, nenhum motivo aparente para escolha, com a exceção do caráter elitista dos seus associados.

Entretanto, a fonte jornalística aponta para fatores que elucidam as relações de poder entre os agentes, principalmente no condizente aos dirigentes do Internacional F. C.. O fato instigante é que o presidente do Internacional na época, sr. Joaquim Américo Guimarães estava presente na reunião não como defensor dos interesses do clube que presidia, mas como representante da equipe de Paranaguá chamada Brasil. Os motivos para tal feito causam estranhamento. Sabendo-se que sua família tinha origens na cidade litorânea, poderia ser que ele, simplesmente pela dificuldade que a viagem de Paranaguá a Curitiba impunha, tenha representado a equipe parnanguara. Mas, seria possível alguém deixar de cumprir sua função para fazer um favor a terceiros? Tratando-se de um esporte ainda com preceitos amadores, é possível sim. Mas a hipótese mais cabível era a de que, representando uma outra equipe, o sr. Joaquim Américo Guimarães pretendia aumentar o poder de decisão de acordo com os interesses do seu clube, o Internacional. Além disso, a equipe do “Paranaguá F. C.” era representada pelo sr. Arcésio Guimarães que, além de ter laços familiares com o sr. Joaquim Américo, futuramente se tornaria o primeiro presidente do Clube Atlético Paranaense – originado da fusão entre Internacional e América, em 1924. Reiterando a hipótese, no ano de 1916, depois de divergências ocorridas entre os clubes da capital, era denunciado em tom agressivo: “Agora escutem. Paranaguá é o club gemeo do Internacional. São duas entidades num só corpo, verdadeira aberração das leis naturaes. O gesto de um é imitado pelo outro. Macaqueam-se, admiram-se, seguem-se” (Diário da Tarde, 13/04/1916, p. 4). Era cabível também afirmar que existiam opiniões divergentes no seio da própria elite clubística responsável pela criação da Liga. Caso contrário, não existiria um motivo plausível para a iniciativa de Joaquim Américo estender o poder de decisão representando outra equipe. Querelas entre os clubes realmente ocorreram. O *Diário da Tarde*, apenas dois dias antes da reunião da futura Liga, noticiava:

“Ilmo. sr. presidente e mais membros do “Internacional Foot Ball Club”, Coritiba. Levamos ao conhecimento de v. s. que, em sessão de assembléa geral extraordinária hontem realizada, para syndicancia dos factos lamentáveis, no proximo passado domingo, desenrolados no Prado, ficou deliberado que, factos isolados, e fruetos de excitação nervosa do momento, não são sufficientes para lançar a sisania, entre duas sociedades co-irmãs, e que se prezam.

Portanto se falta houve, da parte de alguns dos membros do Coritiba Foot Ball Club para com qualquer dos distinctos membros do Internacional Foot Ball Club, por nosso intermédio, como porta-voz do sentir dos nossos consócios, vimos á essa digníssima sociedade, desculparmos dessas faltas visando unicamente a boa harmonia que é necessária que exista, entre sociedades congeneres, afim de que, ambas, de mão dada, possam caminhar para o futuro brilhante que as aguarda, como factores que são de civilização e progresso.

Dando o incidente por terminado; temos a satisfação em abraçar effusivamente essa distincta co-irmã.

Aproveitamos a oportunidade para communicar também a v. s. que, a 20, acquiescendo o seu honroso convite, tomaremos gostosamente, parte na reunião convocada para fundação da Liga Paranaense de Foot Ball.

Reiterando os protestos da nossa subida estima e alto apreço, esperamos as honras de uma resposta.

Além de impregnada pelo discurso positivista republicano, a fonte confirma a existência de divergências significativas entre os clubes – mesmo que não seja citado o motivo das desculpas. Justifica-se, então, a iniciativa do sr. João Seiler, presidente do Coritiba, em discursar pregando que a principal função da Liga era, mais do que organizar campeonatos, a de pregar a harmonia entre seus associados.

A resposta solicitada junto ao pedido de desculpas ocorreu, só que de forma indireta: “A Directoria do Internacional Foot Ball Club enviou a **todas** as sociedades de foot ball do Estado a seguinte circular...” (Diário da Tarde, 20/11/1913, p. 3). Ainda

podemos afirmar que a diretoria do Internacional não estava satisfeita com os fatos ocorridos, pois, na mesma resposta é acrescentado que... “achamos de todo oportuna a criação de uma liga que congregue as diferentes associações desse sport, submetendo-as ás regulamentações adoptadas nos grandes centros nacionaes e estrangeiros, para a sua perfeita compreensão e execução”. Estava confirmado que o parâmetro norteador era a influência externa – provavelmente da Europa e das grandes metrópoles brasileiras.

Não foi possível encontrar indícios sobre o motivo que levou a tal embate antes mesmo do surgimento da Liga. Contudo, algumas possibilidades podem ser delineadas. A carta oficial do Coritiba F. C. endereçada ao *Diário da Tarde* demonstra que o clube temia que fosse excluído da reunião da Liga, pois a mesma estava sendo organizada pelo Internacional, chegando até a pedir uma resposta à sua carta.

Assim, havia dois grupos distintos lutando pela hegemonia do poder no futebol. O primeiro grupo era liderado pelo tradicionalista e politicamente forte Internacional e o outro pelas elites imigrantes do Coritiba e do Paraná. É provável, portanto, que na reunião de fundação da Liga, fosse necessário que o Internacional ampliasse seu poder de decisão. E é por isso que Joaquim Américo Guimarães assumiu o posto de representante de outra equipe. Mesmo assim, a facção coritibana e paranista conseguiu efetivar os dois maiores cargos da reunião: o de presidente, com o sr. João Seiler – representante do Coritiba – e o de 1º secretário, com o sr. dr. Mario Carneiro – representante do Paraná.

As reuniões para criação da Liga prosseguiram com regularidade e já estava estabelecida a liderança nesta disputa de poder, assim era noticiado: “**ASSOCIAÇÕES** A convite do sr. João Seiler realiza-se amanhã as 20:00 horas, na sede da Associação dos Empregados no Commércio uma reunião de todas as sociedades sportiva de foot-ball, para tratar da fundação da Liga Paranaense de Foot-ball” (*Diário da Tarde*, 28/01/1914, p. 4).

Porém, as diferenças entre os dirigentes coritibanos e internacionalistas parecia ter se atenuado ou a identidade local era mais forte do que a rivalidade, pois, em julho de 1914, ocorreu uma pendenga entre o Internacional e o Paranaguá F. C. e não havendo uma solução para o caso, o *Diário da Tarde* tentou intermediar o episódio chamando um jogador do Coritiba para opinar sobre o motivo que levava as equipes à discussão. Assim era afirmado que:

(...) transmitimos aos amáveis sportsmen as asserções do “center-half” do Coritiba Foot-ball Club, sr. Guilherme Muller Junior.

- Julga valido o penalty do qual resultou um goal a favor do Internacional?

- Legitimo: desde que a pelota bateu no ante-braço do back paranaguense é inevitável o “hands”.

- E o 2º goal vasado pelo Pandu?

- Incontestavelmente, foi um bom goal feito com applaudido passe de Júlio.

- Sobre o 3º goal?

- Opino pela validade do mesmo, porque, embora Pandu estivesse “off side” o referee deixou de dar o signal, continuando assim a bola em jogo.

- Effectivamente o sr. foi convidado para servir como referee do match?

- Nem ao menos consultado. Sim, porque caso fosse convidado acceitaria a incumbência com o maximo prazer.

- O sr. testemunhou a maneira com que se houve o juiz de linha a respeito do 3º goal?

- Perfeitamente. Sou testemunha de que o juiz de goal Nelson trancou a bola do kepper Pedrinho.

Ahi fizemos ponto final, lançando uma pá de cal (sem ser verso) sobre o desditoso cadaver do off-side que sucumbiu de “traumatismo moral”, por desespero de causa, no campo de combate “foot-ballístico” do Internacional.

Amen. (*Diário da Tarde*, 24/07/1914, p. 4).

O jogador do Coritiba defendia o Internacional. Analisando o jogo em si, deduz-se que dificilmente ocorreriam três lances duvidosos, todos em favor do Internacional e todos resultando em gols. A probabilidade do árbitro e dos “bandeiras” de linha terem sido parciais é relativamente grande. Mas, o instigante foi o fato do rival do Internacional, representado por um dos seus jogadores, ter defendido os interesses internacionalistas diante de uma agremiação de outra cidade. Seria, uma questão de valorização da identidade cidadina em detrimento à forte rivalidade local? Não se pode afirmar com certeza, contudo, pode-se acreditar que tal fonte indica que as divergências entre Internacional e Coritiba, estabelecidas no ano anterior, já haviam sido sanadas ou, pelo menos, atenuadas.

No início de 1915, um mês antes da criação da Liga, o Internacional demonstra algumas divergências com outro clube, o Paraná Club. Após receber o aceite do convite enviado ao Americano Sport Club de São Paulo, o Internacional marca duas partidas com o visitante. Uma partida, obviamente, era contra a própria equipe do Internacional; a segunda era contra uma equipe denominada “Scratches” – jogadores de outras equipes curitibanas convidadas pelo Internacional. Pois bem, alguns meses antes, o Paraná C. havia enviado uma carta rompendo relações com o Internacional. Foi o momento da vingança. Realmente isso ocorreu, mas a atitude foi bastante criticada pelo cronista do *Diário da Tarde* que usava o pseudônimo de *John Keeper*. Este, usando de um discurso civilizatório e refinado, sugeria que o convite para os jogadores do Paraná Club seria um “tapa de luva de pelica.” A resposta da equipe do Paraná veio rápida, dois dias após o *Diário da Tarde* publica uma nota explicativa na qual o Internacional justificava uma informação dita inverídica, publicada no jornal chamado *A Tribuna*: tratava-se de uma denúncia feita pela diretoria do Paraná C. acerca de um desfalque na tesouraria do Internacional (*Diário da Tarde*, 15/01/1915, p. 4).

III

Somente em 12 de fevereiro de 1915 foi fundada a Liga Sportiva Paranaense, a primeira que regeria o esporte no estado. A criação da Liga assegurou a prática exclusiva aos jovens da fina-flor paranaense, não permitindo a intromissão de indivíduos cujo perfil fosse indesejado – já que a formulação das leis esportivas estava nas mãos dos próprios praticantes elitistas favoráveis ao amadorismo. Contudo, não era garantido o controle sobre o que os clubes de porte menor, de características inadequadas à tentativa civilizadora, estavam fazendo fora dos domínios da Liga. No Rio de Janeiro, a tática adotada foi fiscalizar todas as divisões, pois era o meio de manter cada clube no seu devido lugar – de acordo com as suas condições sociais. O sucesso de tal mecanismo de exclusão foi tão eficaz que, alguns anos depois, em 1907, resolveram denominar a entidade de Liga Metropolitana de Sports Atlético, englobando, além do futebol, todos os esportes terrestres como cricket, pedestrianismo, atletismo, tênis.

Mas, a nova entidade paranaense assumiria também uma postura segregacionista? A resposta é direta: sim! Uma das primeiras leis, aferida por unanimidade de votos, foi que nenhum atleta negro poderia ser considerado amador. Detalhe, não era permitido atletas profissionais na Liga, portanto, os negros e pobres estavam proibidos de atuar nos clubes vinculados à instituição. Porém, em pouco tempo, os excluídos descobriram que não tinham necessidade de se submeter àquela Liga especificamente, fundando, então, suas próprias Ligas – assim como anteriormente já tiveram que criar seus próprios clubes, porque eram excluídos dos mais tradicionais (Pereira, 2000, p. 63-73). Em São Paulo, ocorre algo muito semelhante (Citadini, 2001, p. 19; Negreiros, 1992, p. 51). Porto Alegre

também tinha um modelo de estrutura bastante próximo: os negros jogavam na última divisão da Liga, popularmente chamada Liga “Canela Preta”. Era de se supor que as elites dominantes do futebol paranaense, controladoras da Liga, tomassem a mesma atitude.

Assim, o número de afiliados, quando da fundação da Liga Sportiva Paranaense, foi muito maior do que o número de clubes que compareceram a 1ª reunião, em novembro de 1913. Dessa forma, os clubes foram divididos em 3 divisões compostas pelos seguintes clubes: 1ª Divisão – Internacional, América, Coritiba, Paraná, Rio Branco e Paranaguá; 2ª Divisão – Spartano, Reco-Reco, Guarany, Operário de Ponta Grossa, Bella Vista e Savóia; 3ª Divisão – Operário Curitybano, Brasil, Antoninense, Marumby, Torino e Britannia, os campeões do campeonato de 1915 foram, respectivamente, Internacional, Savóia e Britannia (Gazeta do Povo, 01/03/1924, p. 1).

Os confrontos não tardaram a acontecer: os dirigentes do Marumby Sport Club escrevem ao democrático *Diário da Tarde*, criticando seu não ingresso na Liga. Essa responde, também por meio do periódico, que o havia convidado, mas que o clube não compareceu à convocatória. Novamente é respondido pelo clube que eles não estavam cientes da reunião. As sociedades Imprensa Sport Club, Reco-Reco, Independente, Operário Football Club também não foram convidados e acusaram publicamente o Paraná Club por ter vetado sua entrada. O representante desses clubes, veementemente, escrevia que a Liga era “suja e vergonhosa”. Dois dias depois, volta a escrever criticando o sr Luiz Guimarães, do América F. C., que havia declarado que tais clubes não tinham sido convidados porque não tinham jogadores. Dizia a carta: “Causa extranhosa [sic] que o sr. Guimarães, nome completamente desconhecido nos meios sportivos de Coritiba venha a sentenciar (...) esses jogadores que o sr não conhece, apesar de pichotes, são mais divulgados aqui do que o de v. s.” (Diário da Tarde, 24/02/1915, p. 2). A mesma carta dá indícios do motivo da não interferência dos cronistas do *Diário da Tarde*: “Se não me falha a memória John Keeper, Jean Sport, Willian Brown e Henry Sport, cronistas sportivos (...) são jogadores dos clubs aos quaes nem mesmo por simples dever de cortesia, foi enviado convite expresso para se fazerem representar na reunião donde sahiu, após algum ‘farrellorio’ e discursos de elogio mútuo a Liga Paranaense.” Depois da revelação, os cronistas resolvem se manifestar dizendo... “Liga Paranaense de Futebol” – Também diz este jornal, que está sendo creada nesta capital, mas que já começou mal, deixando-se influenciar pelo despeito de uma sociedade que deseja ser a primeira custe o que custar. Assim é de se prever que a tal liga se desligue... **John Keeper**.” Algumas semanas depois, a maioria dos clubes que reclamaram foram colocados nas divisões de baixo e os mesmos críticos brindavam com espumante francesa à competência do presidente da Liga.

Depois de acalmando os ânimos, a Liga deixa claro qual seria o método para seleccionar os clubes – leia-se manter o futebol restrito à alta sociedade curitibana:

A thesouraria da Liga Sportiva Paranaense communica a todos os clubs filiados que está procedendo á cobrança das joias dos mesmos tendo para este fim pessoa encarregada que se encontrará todos os dias uteis, até o dia 15 deste mez na sua séde, das 7 e meia as 8 e meia horas da noite. Chama-se a especial attenção para os clubs filiados ser obrigatorios este pagamento afim dos mesmos poderem matricular seus jogadores (Diário da Tarde, 13/03/1915, p. 4).

Ao término do ano, mais uma pendenga entre os clubes da Liga virou notícia. O campeonato vencido pelo Internacional F. C., foi contestado pelo dirigente do América F. C., sr. Luís Guimarães. Era alegado que o Internacional havia utilizado um jogador que

não residia na cidade. Todos os clubes que junto com o Internacional e América compunham a 1ª divisão da Liga prestaram sua solidariedade ao América, criticando o Internacional. Este ficou sozinho. Era a disputa do clube das elites contra as outras equipes de vulto.

O resultado: a Liga fora abandonada pelas outras equipes deixando o Internacional, que exercia forte influência, isolado. Nascia uma nova entidade a Associação Paranaense de Sports Atléticos.

Interessante é, que na cisão, um dos participantes ativos favoráveis a criação da nova Associação Paranaense de Sports Atléticos, fora João Seiler, representante Coritiba Football Club. Possivelmente, as divergências ocorridas há quase um ano e meio não tivessem sido esquecidas... Novamente os modelos carioca e paulista eram tomados como exemplo – pois nestes estados ocorreram divergências e criações de novas entidades regulamentadoras anos antes.

IV

A prática do futebol no ano de 1916 ocorreu paralelamente nas duas entidades, pois havia certo equilíbrio nesta disputa de poder. Em 1917, novamente após calorosos discursos, os clubes voltaram a se unificar. Mas o futebol já apontava para um novo período: aquele no qual a maioria dos clubes iria inserir, burlando as regras, atletas habilidosos e de origem humilde. Ganhar títulos gradativamente se tornava mais importante do que a ética amadora/elitista presente no primórdio do esporte.

Bibliografia

CALDAS, W. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro 1894-1933*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CAPRARO, A. M. O Estádio Joaquim Américo – a Baixada – e as Elites Curitibanas das décadas de 10 e 20. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 6., 1998, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998.

CITADINI, A. R. *Neco – O primeiro ídolo*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Rio de Janeiro: Difel, 1997.

HOBBSBAWN, E. J. *Nações e nacionalismo desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
_____; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

NEGREIROS, P. J. L. de C. *Resistência e rendição – a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916*. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em História) – PUC.

OLIVEIRA, R. C. de. *O silêncio dos vencedores – genealogia, classe dominante e Estado do Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.

PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania - uma história social do futebol do Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

Periódicos

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 1912-1916.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 1924.